



## Geração Universitária da PUC Minas: o que mudou entre 1990 e 2013?\*

University generation of PUC Minas: what has changed between 1990 and 2013?

Paulo Agostinho N. Baptista\*\*

### Resumo

Este artigo apresenta os principais dados, e algumas hipóteses interpretativas, sobre uma primeira leitura da pesquisa “Geração universitária: perfil atual. Um estudo de caso”, com apoio do CNPq, realizada através de *survey* aplicado entre novembro e dezembro de 2013, com estudantes da PUC Minas. Igualmente, objetiva-se apresentar dados comparativos, nos elementos possíveis, pois houve ampliação e mudança no questionário, com relatório de *survey* de 1990, sobre o “Perfil do Estudante da PUC-MG”, de modo a oferecer um quadro de duas gerações de estudantes desta universidade e responder: o que mudou em 23 anos? Ao revelar as mudanças e continuidades no perfil dos estudantes, a pesquisa oferece dados e elementos para se conhecer melhor o jovem atual e assim indicar não apenas à universidade, mas também àqueles que pesquisam sobre Ensino Superior e religião, o desafio de analisar e aprofundar nessas temáticas. Destacam-se alguns aspectos fundamentais do Perfil do Estudante da PUC Minas: dados gerais e demográficos (idade, naturalidade, domicílio, estado civil e renda familiar), dados escolares e acadêmicos, como origem e avaliação escolar, caracterização religiosa e sociopolítica, e a situação da sexualidade e da fecundidade.

**Palavras-chave:** Geração Universitária. Perfil da juventude. Religião. Demografia.

### Abstract

This article brings the main data, and some interpretative hypotheses, about a first reading of the research “University generation: current profile. A case study” – which is sponsored by CNPq. This research was done through surveys performed between November and December, 2013, with students from PUC-Minas. Likewise, the goal is to present comparative data, when possible, because there were additions and changes in the questionnaire, with the report from the survey done in 1990, about the Profile of the Students from PUC-Minas Gerais. This was done to present a comparative overlook of two generations of students from this university: what has changed in 23 years? When revealing the changes and permanence in these students’ profile, this research offers data that helps know these young people better, indicating, thus, not only to the university, but also to people studying Higher Education and religion, the challenge of analyzing and deepening these themes. Some fundamental aspects of the Profile of the Students from PUC-Minas should be highlighted: general demographic data (age, place of birth, address, marital status, and family income), school and university records, religious and sociopolitical preferences, and sexuality and fertility.

**Keywords:** University generation. Youth profile. Religion. Demography.

---

Artigo submetido em 06 dez. 2014 e aprovado em 08 jan. 2015.

\* Utilizou-se de parte dos dados que serão publicados nos Anais do XIX Enc. Nac. de Est. Populacionais, ABEP (São Pedro/SP – de 24 a 28 de nov. 2014), fundamentando Pôster apresentado nesse evento, que foram corrigidos e ampliados. Artigo apresentado como requisito do Pós-doutorado em Demografia (CEDEPLAR/UFMG), sob supervisão de Paula Miranda-Ribeiro, a quem agradeço. Agradecemos ao CNPq, projeto (2012-2014) sob a coordenação de Pedro de A. Ribeiro de Oliveira, Paulo Agostinho N. Baptista e Roberlei Panasiewicz da PUC Minas, e também o apoio do Fundo de Incentivo à Pesquisa – FIP PUC Minas (2013-2014). Também somos gratos a Afonso Brade Teixeira Júnior e Flávio Henrique Pereira de Oliveira, Bolsistas de PROBIC da PUC Minas, e especialmente o apoio do reitor Dom Joaquim G. Mol Guimarães, da presidente da CPA profa. Antonia M. Rocha Montenegro, da funcionária da CPA Isabel Cristina Passos e equipe (Leandro Lessa e Caio Ribeiro), da profa. de Estatística Elisete de Assis Rebello e da funcionária Júnia Peixoto do GTI/DATAPUC.

\*\* Doutor em Ciências da Religião, professor do PPG em Ciências da Religião da PUC Minas. País de Origem: Brasil. E-mail: pagostin@gmail.com

*Cambia lo superficial  
Cambia también lo profundo  
Cambia el modo de pensar  
Cambia todo en este mundo.  
[...]  
Pero no cambia mi amor  
Por mas lejo que me encuentre  
Ni el recuerdo ni el dolor  
De mi pueblo y de mi gente.  
Cambia, todo cambia. Cambia, todo cambia.  
Julio Numhauser (Todo Cambia, 1982)*

Aos mestres Alberto Antoniazzi (†2004) e João Batista Libanio (†2014)

## Introdução

Houve nos últimos 25 anos enorme expansão do Ensino Superior no país. Esse é um dos indicadores importantes que também pode mostrar a redução da desigualdade no Brasil. O número de estudantes matriculados em 2010, nos 29.507 cursos de graduação, distribuídos em 2.377 das Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras, teve um crescimento de mais de 400%, passou de 1,565 para 6,379 milhões entre 1991 e 2010 (BRASIL, 2012). O último Censo da Educação Superior, de 2013, mostra que esse número já está em 7,3 milhões, em 32.000 cursos de graduação, em 2.400 IES (BRASIL, 2014). Tal mudança revela a inclusão de outros estratos sociais que agora chegam à universidade.

Para todos aqueles que estão envolvidos com o ensino superior é de grande interesse conhecer o perfil atual do estudante universitário, especialmente comparando-o ao de duas décadas atrás, quase uma geração (cronologicamente).<sup>1</sup> Dada a amplitude do tema, a presente pesquisa focou no *estudo de caso*: o perfil dos estudantes da PUC Minas em 2013.

A razão da escolha da PUC Minas para esse *estudo de caso* se justifica, primeiramente, porque se trata de uma grande universidade – considerada a maior

---

<sup>1</sup> O debate sobre o conceito “geração” é importante e antigo, mas não há espaço para trabalhá-lo neste artigo e nem utilizado como categoria analítica. Ver a discussão no texto de Feixa e Leccardi (2010), no dossiê de **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 25, n. 2, maio/agosto 2010, que aborda parte da história do conceito e sua importância na sociologia, especialmente a concepção de Manheim e Bauman, usado como metáfora para a interpretação do tempo e da sociedade. Sobre “Juventude”, confira ABRAMO; MARTONI BRANCO, 2004 e ABRAMOVAY; CASTRO, 2006 e ainda ABRAMOVAY et al 2007. O conceito de geração em demografia é mais complexo e pode ser encontrado em UNITED NATIONS, 2014.

universidade católica do mundo (58.000 alunos) – além de ter presença significativa nas diversas áreas de graduação, da pesquisa, além de importante trabalho de extensão. Ela também está bastante inserida na sociedade, especialmente mineira, devido a suas diversas Unidades: Arcos, Belo Horizonte, Betim, Contagem, Guanhães, Juiz de Fora, Poços de Caldas e Serro, chegando agora também ao Triângulo Mineiro (Uberlândia). Em segundo lugar, e especialmente, porque em 1990 houve pesquisa sobre o perfil de seus estudantes (BAPTISTA, 2013a), base para o novo estudo comparativo.

O objetivo deste artigo é apresentar uma visão panorâmica do perfil dos estudantes da PUC Minas, e algumas hipóteses interpretativas, dos dados de dois *surveys*: “Geração universitária: perfil atual. Um estudo de caso” (2013), que teve apoio do CNPq e do Fundo de Incentivo à Pesquisa da PUC Minas – FIP, e comparar com os dados possíveis da pesquisa “Perfil dos Estudantes da PUC-MG” (1990). Com esses dados é possível refletir sobre o que mudou entre 1990 e 2013.

Apresenta-se, inicialmente, o histórico e a metodologia utilizada, e depois os resultados quantitativos e dados comparativos, com algumas hipóteses explicativas, arriscando-se breves análises. Há um volume enorme de dados, ainda mais com a comparação entre os *surveys*, que exigiria diversas análises. Avaliou-se que, nesse primeiro momento, com prejuízo na análise qualitativa, seria mais importante oferecer os dados quantitativos ao conhecimento público para que depois, no desenvolvimento da pesquisa, se produzisse uma discussão mais analítica.<sup>2</sup> Dentre os dados destacam-se os “gerais e socioeconômicos” (razão de sexo, faixa etária, situação conjugal, domicílio e renda familiar); “dados escolares e acadêmicos”, como origem e avaliação escolar, avaliação das disciplinas de Cultura Religiosa e Filosofia; “caracterização religiosa”; caracterização sociopolítica e cultural; e dados da pesquisa de 2013 sobre “fecundidade e sexualidade”.

---

<sup>2</sup> Parte da análise sobre a situação religiosa dos estudantes também é apresentada, neste número de Horizonte, em artigo dos professores Pedro de Assis Ribeiro de Oliveira e Roberlei Panasiewicz. Ulteriormente, serão produzidas novas análises sobre esses dados aqui preliminarmente apresentados e os novos dados que estão em processamento e fazem parte do desenvolvimento da pesquisa, através do FIP (2014-2015), agora sob a coordenação de Roberlei Panasiewicz.

## 1 Histórico e Metodologia

Os dados deste artigo se referem às pesquisas, de tipo quantitativo, produzidos a partir de *survey*, realizadas em 1990 e 2013. Para a pesquisa “Geração universitária: perfil atual. Um estudo de caso” (2013) objetivou-se produzir um levantamento do perfil atual da juventude universitária da PUC Minas. A referência para tal empreendimento foi a pesquisa de 1990<sup>3</sup>, na mesma universidade: “Perfil dos estudantes da PUC-MG”. No projeto aprovado pelo CNPq em 2012, em parte aqui relatado, há o objetivo de comparar os resultados das duas pesquisas. Infelizmente, o banco de dados da pesquisa de 1990 não foi recuperado e existe apenas um relatório com os dados agregados, mas que foram publicizados (BAPTISTA, 2013a). Mesmo assim, foi possível realizar a comparação com os dados possíveis, além de oferecer alguns dos novos resultados do *survey* de 2013 .

### 1.1 A pesquisa “Perfil do Estudante da PUC-MG” de 1991

Em 1990 foi apresentada à reitoria da PUC-MG, através do Serviço de Pastoral da Universidade – SPU, um projeto de pesquisa com o objetivo de conhecer a realidade dos jovens da universidade. Tinha-se como objetivo fornecer dados para o planejamento desse serviço, criado em 1989. Aprovada, a pesquisa depois foi ampliada com a meta de contribuir também para a gestão universitária. Com o bom resultado, esse trabalho ensejou, em 1992, outra pesquisa para o levantamento da realidade dos jovens das Instituições Católicas de Ensino Superior – ICESs, com o apoio da Associação Brasileira de Ensino Superior Católica – ABESC (BAPTISTA, 2013b ). Os relatórios dessas pesquisas, com os principais resultados, foram publicados em 1991 e 1992 e estão arquivados na Biblioteca Pe.

---

<sup>3</sup> Em 1990 e 1991 foram realizadas as pesquisas “Perfil do estudante da PUC Minas” (BAPTISTA, 1991) e “Perfil do estudante das instituições católicas de ensino superior” (BAPTISTA, 1992). Na época, a proposta visava traçar a relação Estudante – Universidade e seus resultados, consolidados em relatórios, subsidiaram a Associação Brasileira de Escolas Superiores Católicas – ABESC (atual ANEC), os vários setores acadêmicos e de gestão da universidade, além de oferecer dados para o Núcleo de Cultura Religiosa. Deve-se mencionar a importante e significativa atuação nessas pesquisas do Pe. Alberto Antoniazzi (+2004).

Alberto Antoniazzi da PUC Minas e também podem ser encontrados em Horizonte (BAPTISTA, 2013a; BAPTISTA, 2013b).

A construção da primeira versão do questionário, aplicado como teste a alunos(as) de Cultura Religiosa, de diversos cursos da universidade, e alunos do curso de Serviço Social, foi realizada no primeiro semestre de 1990. As observações e críticas de compreensão ensejaram outros testes e a versão final foi aplicada no 2º. semestre de 1990. Esse questionário pode ser encontrado em Baptista (2013a, p. 1310-1313).

A PUC Minas, na época conhecida como PUC-MG, tinha em seu corpo discente o total de 12.733 estudantes matriculados em 2/1990 e 22 cursos. A amostra sorteada, de forma estratificada, foi de 3%, ou seja, 382 estudantes (BAPTISTA, 2013a, p. 1314). Esses cálculos estatísticos da amostra, da confiabilidade e margem de erro foram realizados pela Profa. Elisete Assis de Rebello, do departamento de Matemática. Naquele momento, a PUC-MG se concentrava basicamente no *Campus* Coração Eucarístico, mas já começava nesse segundo semestre de 1990 sua expansão, com o *Campus* Contagem. Porém, não houve a inclusão dos alunos calouros (110) dessa Unidade universitária.

Em relação à confiabilidade, trabalhou-se com 95% e margem de erro de 5%. O questionário tinha 81 questões (BAPTISTA, 2013a, p. 1310-1313), foi aplicado de forma presencial e respondido em papel. Destacam-se: a) questões gerais como sexo, idade, estado civil, residência, naturalidade e nacionalidade; b) informações de natureza econômica como trabalho, contribuição para a família, renda familiar, custeio dos estudos; c) avaliação da universidade, do curso, critérios de escolha, avaliação das disciplinas Cultura Religiosa e Filosofia; d) informações culturais e políticas; e) dados sobre religião e sobre interesse na Pastoral; f) Sobre consumo de drogas. Os dados foram processados de forma manual e depois digitados em computador, na época uma novidade.

## 1.2 O *survey* de 2013

Tomando-se como referência o relatório e o questionário de 1990, produziu-se o novo formulário de questões, no primeiro semestre de 2013. Ao mesmo tempo, foi elaborado e apresentado o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUC Minas, aprovado em 12 de agosto de 2013, com o n. 350.763, certificado CAAE n. 14387113.9.0000.5137.<sup>4</sup>

Houve a opção pela aplicação do *survey* de forma *online* por razões práticas: tempo e recursos humanos<sup>5</sup>. A primeira máscara do questionário foi produzida em setembro de 2013 e foram aplicados cinco testes de compreensão e de tempo de resposta, *online* e em papel, com mais de 30 estudantes da PUC Minas, de diferentes áreas – graduandos de Engenharia Civil, Filosofia, Pedagogia, e pós-graduandos em Ciências da Religião. O questionário também foi apresentado em Seminário no CEDEPLAR/UFMG, em setembro de 2013, recebendo críticas importantes de professores, mestrandos e doutorandos. O último teste *online*, a partir das análises, correções, cortes e mudanças, foi aplicado em outubro e revelou a adequação do questionário. Em relação ao tempo, apesar do questionário comportar 253 itens, houve resultados entre 20 e 40 minutos, observando-se que o maior tempo foi apresentado por alunos(as) que tinham alguma dificuldade de trabalhar com meios digitais. Por razões de espaço, não foi possível publicar o questionário como anexo. Pretende-se publicar o relatório da pesquisa na sessão documentação desta revista, trazendo esse formulário de questões.

Para o universo de 45.355 estudantes matriculados no 2<sup>o</sup>. semestre de 2013 na PUC Minas, produziu-se uma amostra aleatória de 5.281 alunos, correspondentes às Unidade/*Campi*/Instituto. Foi cadastrada essa amostra “n”

---

<sup>4</sup> Com essa aprovação, buscou-se o apoio logístico e técnico da Comissão Permanente de Avaliação da PUC Minas – CPA, através de sua presidente, Profa. Antonia Maria da Rocha Montenegro, pois a CPA tem realizado todo o processo avaliativo de forma *online*, com larga experiência, a partir de sistemas desenvolvidos pela Gerência de Tecnologia da Informação da PUC Minas – GTI.

<sup>5</sup> Com a decisão favorável desse apoio pela presidência da CPA, contou-se ainda com a contribuição fundamental dessa Comissão através da funcionária Isabel Cristina Passos e equipe, para a construção e lançamento da máscara do questionário no sistema, assim como da estatística, Profa. Elisete de Assis Rebello, para os cálculos da amostra e percentuais dos resultados, em relação à confiabilidade e margem de erro. O questionário apresentava na primeira página o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

com mais 30%, num total de 7077 alunos, para efeito de substituição e a fim de atender à confiabilidade de 95% e à margem de erro entre 2,5 e 5%, conforme Quadro 1.

**Quadro 1 – Amostra dos alunos de graduação por Unidade/Campi/Instituto - PUC Minas no 2º semestre de 2013.**

Unidade	População (N)	Amostra (n)	Amostra n+30%
Arcos	1.151	289	376
Barreiro	5.472	360	468
Betim	4.108	353	564
Contagem	4.172	353	564
Guanhães	119	91	119
Poços de Caldas	4.889	357	464
São Gabriel	5.823	362	470
Serro	443	206	268
Coração Eucarístico	19.178	2.910	3.784
<b>Total Geral</b>	<b>45.355</b>	<b>5.281</b>	<b>7.077</b>

Fonte: CPA, PUC Minas, 2013.

O formulário de questões foi disponibilizado para os alunos amostrados no período de novembro a 31 de dezembro de 2013. Houve 2.660 questionários respondidos, sendo que desse total de respostas foi produzida síntese tabular com dados agregados. Uma nova amostragem dos respondentes (amostra institucional) foi realizada a partir dos dados coletados e amostrados, proporcionalmente para cada Unidade, para análise da realidade institucional.

**Quadro 2 - Amostrados por Unidade - alunos de graduação da PUC Minas no 2º semestre de 2013**

UNIDADE	POPULAÇÃO (N)	Total de respondentes	Amostra Institucional
Arcos	1.151	154	43
Barreiro	5.472	218	173
Betim	4.108	220	130
Contagem	4.172	223	130
Guanhães	119	46	1
Poços de Caldas	4.889	159	159
São Gabriel	5.823	190	188
Serro	443	108	15
Coração Eucarístico	19.178	1.342	607
<b>Total Geral</b>	<b>45.355</b>	<b>2.660</b>	<b>1.446</b>

Fonte: CPA, PUC Minas, 2013.

Essa amostra institucional, com 1.446 estudantes, permitiu um nível de 95% de confiança e uma margem de erro menor que 5%. Na maioria das questões, esse nível de margem de erro ficou próximo (mais e menos) de 3%. Dentro desse processo, foi possível ter uma visão geral da percepção dos alunos de graduação da PUC Minas de 2013 e comparar com a pesquisa realizada em 1990. Além da síntese tabular com dados agregados, produziu-se uma planilha dinâmica com os microdados para cruzamentos. Diversas questões, especialmente os dados com respostas “abertas” estão ainda sendo processados.

Não foi possível produzir, nessa etapa da pesquisa e para este artigo, os dados e a análise por Unidades e Institutos da universidade. O erro teria variação entre 2,6 e 11,7%. Na continuidade desta pesquisa, em projeto do FIP PUC Minas (2014-2015), será possível avançar em algumas análises sobre essa estratificação.

O formulário de questões teve 253 itens e abarcou questões sobre:

- I Dados Gerais: sexo, raça, idade, naturalidade, nacionalidade, residência, estado civil, condição conjugal/afetiva, critérios para escolha de parceria conjugal;
- II Dados socioeconômicos: trabalho, situação em relação ao responsável financeiro do domicílio, número e tipo de moradores do domicílio, contribuição para a renda do domicílio, renda familiar; classe social;
- III Dados escolares e acadêmicos: histórico da escolaridade própria e da escolaridade dos pais e responsáveis e questões específicas sobre a PUC Minas: avaliação das disciplinas Cultura Religiosa e Filosofia e da Pastoral; expectativas em relação à Extensão, à Pesquisa e à continuidade dos estudos; bolsas; satisfação com o curso e critério de escolha;
- IV Caracterização religiosa: filiação religiosa no ciclo de vida; religião dos pais/responsáveis; frequência religiosa e sobre orações fora do lugar de culto; avaliação da própria religião/religiosidade/espiritualidade, das doutrinas, da moral, do seguimento e da liderança; sobre como se dá a atualização religiosa; posicionamento sobre valores religiosos/éticos e concepções religiosas e morais), identificação de tipos de católicos;

- V Caracterização sociopolítica e cultural: distribuição do tempo em atividades diversas, elenco de realidades importantes, participação em redes sociais e seu uso, avaliação das manifestações de 2013, uso/consumo e avaliação sobre drogas, participação em movimentos socioculturais e políticos, preferência partidária e critérios de escolha política, *bullying*;
- VI Dados sobre Sexualidade e fecundidade: sobre relação sexual: tipo de parceiro, idade da 1ª. relação, uso de prevenção; identificação da expressão da sexualidade; paternidade/maternidade; número de filhos, idade do 1º. filho, desejo de ter filhos (ou mais filhos).

## 2 Resultados e análises comparativas

Apresenta-se a seguir os principais dados e comparações entre as pesquisas de 1990 e 2013, arriscando-se algumas hipóteses interpretativas.

### 2.1 Dados gerais e socioeconômicos

Entre 1990 e 2013 a PUC Minas teve um crescimento de mais de 350% no número de alunos (12.733 x 45.355). Além disso, passou de 22 cursos universitários para 55, distribuídos em 10 Unidades, o que eleva o número de cursos/turno para a casa de centenas de cursos.

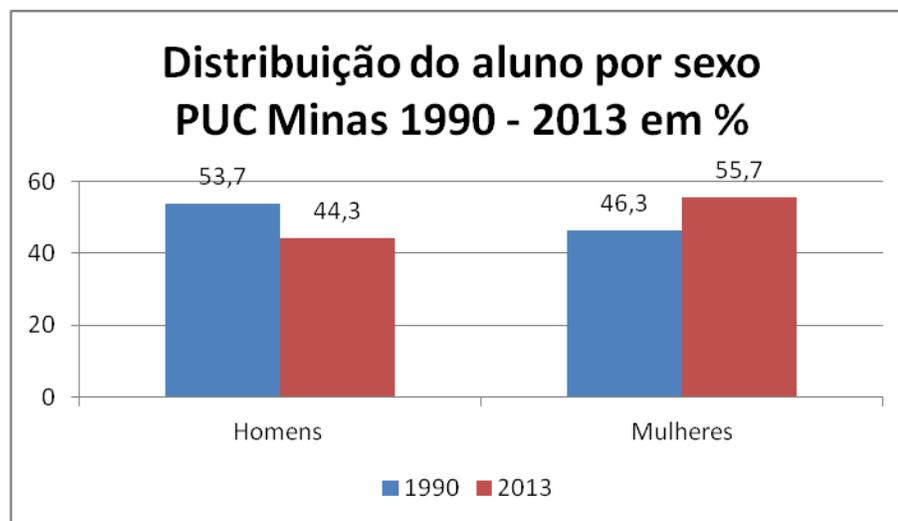
O primeiro dado significativo que aparece no *survey* de 2013 e oferece comparação com a pesquisa de 1990 é sobre a razão de sexo. Houve importante mudança: de 1,16 em 1990 para 0,8 (0,796) em 2013. Deve-se destacar que a razão de sexo do Censo IBGE 2010 é 0,96, ou seja, 96 homens para cada 100 mulheres.

Na PUC-MG os homens eram 53,7% em 1990 e as mulheres 46,3%. É interessante observar a inversão dessa proporção com os dados do INEP/MEC para o ano de 1991: 53% de mulheres e 47% de homens (RISTOFF, 2013, p. 34). Também a pesquisa abrangendo as Instituições de Ensino Superior Católicas no Brasil (BAPTISTA, 2013b) trouxe dados próximos do INEP/MEC de 1991: 58% de mulheres e 40% de homens. Tal proporção tem sido mantida no país quase que da

mesma forma, com variações de 2 a 4 pontos percentuais desde 1992. Os Censos do Ensino Superior recentes, 2012 e 2013 (MEC, 2013; INEP, 2014), mostraram os mesmos dados: 55,5% (mulheres) x 44,5% (homens). Essa é também a situação atual dos estudantes da PUC Minas de 2013: 55,7% de mulheres e 44,3% de homens, conforme mostra o Gráfico 1, seguindo os indicadores do INEP/MEC (BRASIL, 2014).

A hipótese para tal diferença é que a PUC-MG tinha forte presença masculina nos cursos de engenharia na década de 1990. Também as áreas gerenciais eram de predominância masculina. As mulheres se concentravam mais em cursos como Enfermagem, Psicologia, Serviço Social e as licenciaturas. Em 2013 a presença feminina é realidade em quase todos os cursos.

**Gráfico 1 – Distribuição dos alunos da PUC Minas por sexo - 1990 e 2013**



Fonte: BAPTISTA, 2013a, p. 6 e Dados da pesquisa de 2013

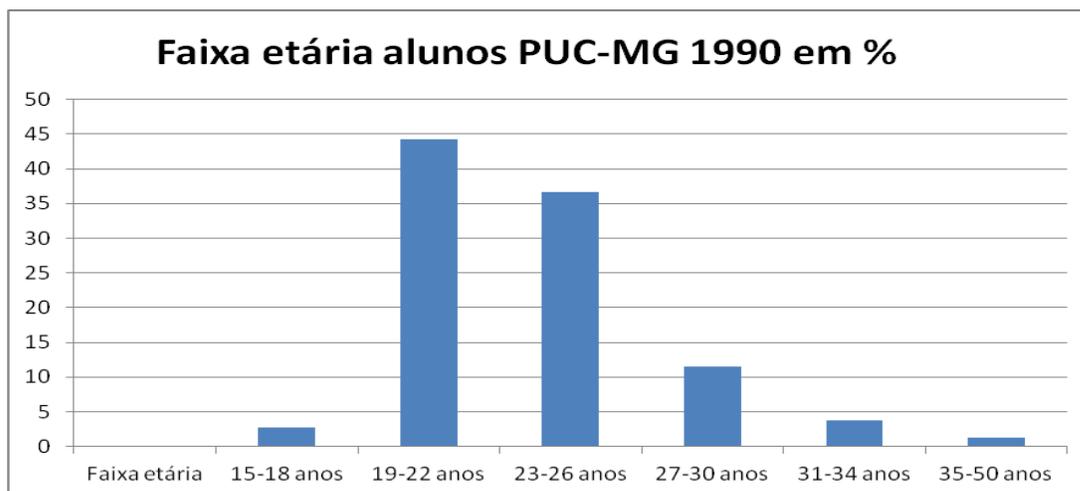
Não houve em 1990 o levantamento sobre cor/raça. Em 2013, a pesquisa identificou 52,9% de estudantes que se declararam brancos, 35,5% de pardos, 9,9% de pretos/negros, apontando ainda 1% de amarelos e 0,8% de indígenas. A questão de cor/raça desperta grande discussão acadêmica, não só por ser autodeclarada, mas também pela histórica questão da discriminação (ANJOS, 2013). Políticas de

ações afirmativas têm produzido a inclusão de pretos/negros no ensino superior, o que pode ser constatado nos Censo do Ensino Superior do INEP/MEC, que mostra essa inclusão entre 1997 e 2011: passou-se de 1,8% para 8%. Quanto à naturalidade, em 2013 os estudantes brasileiros da PUC Minas eram 98,7%, com pouquíssimos estrangeiros, pouco abaixo dos 99,7% de 1990.

Em relação à idade, em 1990 a maioria dos(as) alunos(as) da PUC-MG se situava entre 19 e 22 anos (44,2%), seguida do intervalo entre 23 e 26 anos (36,7%). Havia 95,1% dos estudantes na faixa etária entre 18 e 30 anos.

Nota-se, em 2013, um “envelhecimento” da juventude universitária da PUC Minas. Como não se trabalhou em 1990 com as faixas de idade da Demografia, utilizou-se a referência usada dos dados agregados. Em 1990, 46,9% dos estudantes tinham até 22 anos e, em 2013, esse percentual caiu para 39,9%. De outro lado, cresceu a faixa de 27 a 30 anos (de 11,5% para 12,5%) e principalmente, as faixas de 31 a 34 anos (de 3,7% para 6%) e de 35 a 50 anos (de 1,3% para 8,8%). Em 1990 não havia estudantes com mais de 50 anos. Já em 2013 eles correspondiam a 1,1%. Não se tem a média de idade de 1990, porém a média de 2013 ficou em 26,5 anos. Havia 53,2% de estudantes com 23 anos ou mais, em 1990, contra 60,1% em 2013. Os gráficos a seguir mostram a distribuição etária dos alunos e alunas.

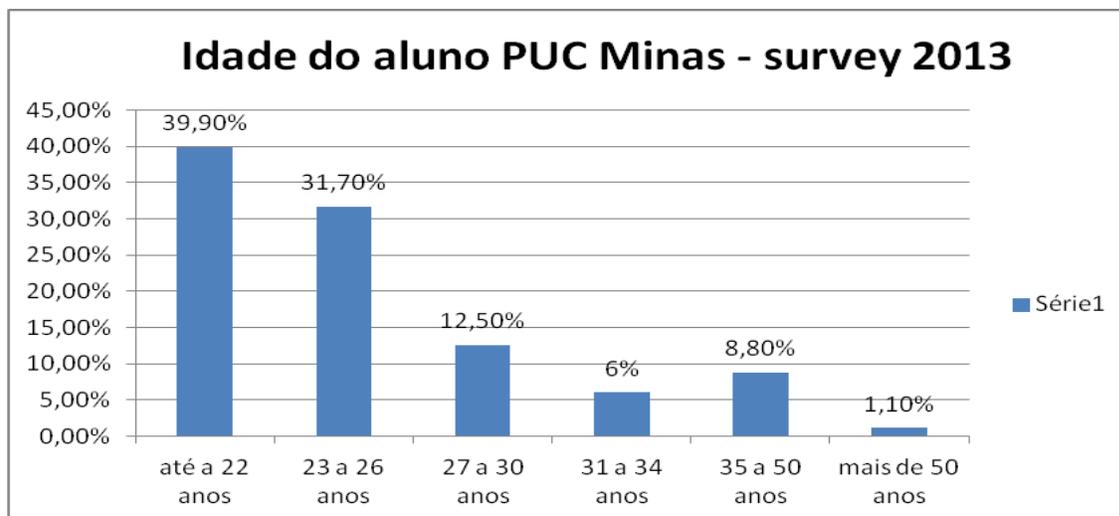
**Gráfico 2 – Faixa etária dos alunos(as) – PUC-MG 1990**



Fonte: BAPTISTA, 2013a, p. 7

Nota-se nos Gráficos 2 e 3 a diferença etária entre as pesquisas de 1990 e 2013, revelando esse envelhecimento.

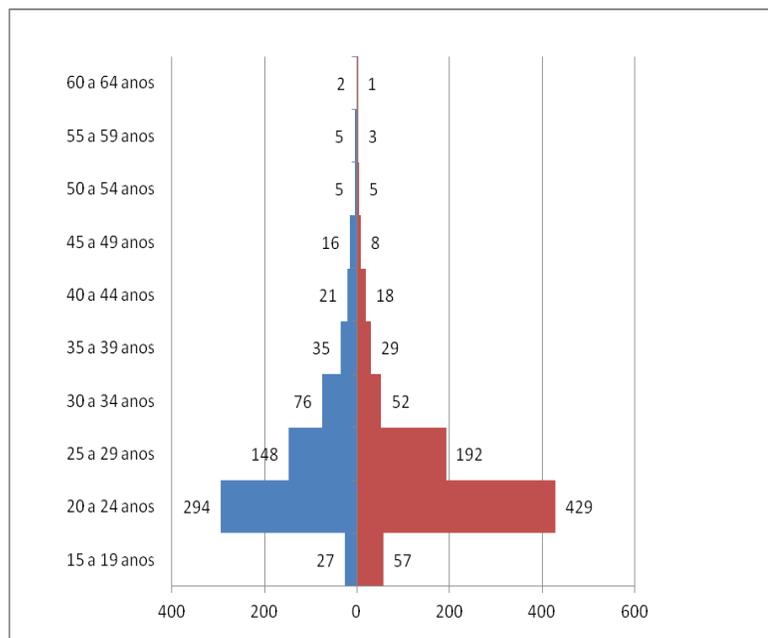
**Gráfico 3 – Distribuição da idade dos alunos(as) – survey 2013**



Fonte: Dados da pesquisa 2013.

O Gráfico 4 apresenta a pirâmide etária, sendo as idades da Demografia para o *survey* de 2013:

**Gráfico 4 – Pirâmide etária – survey 2013**

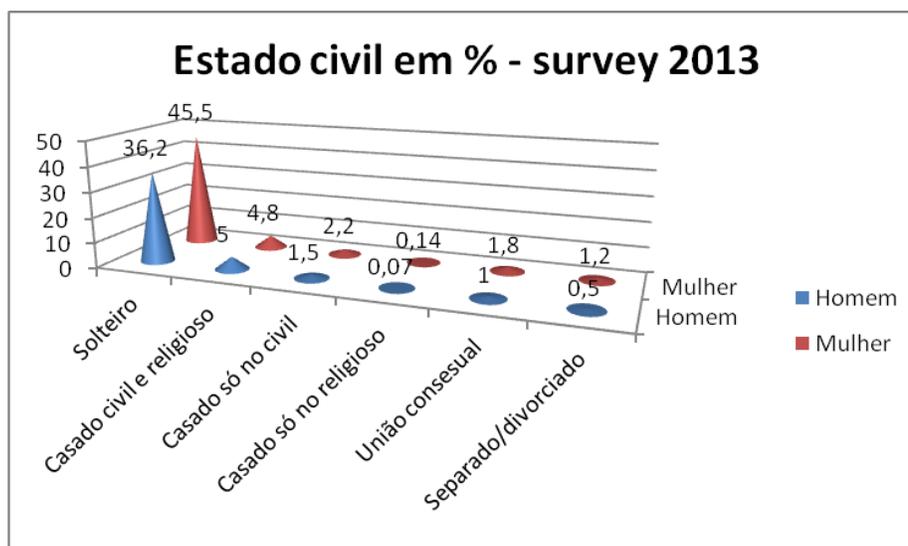


Fonte: Dados da pesquisa 2013.

Levanta-se a hipótese, sem fazer relação com outros dados, como os Censos do Ensino Superior e do IBGE, bem como outras pesquisas demográficas, que houve adiamento da entrada na universidade, seja por razões de trabalho, exigências do mercado, e outras, como a financeira. Porém, ao lado dessa hipótese, e mais plausível, é entender que as políticas públicas para o ensino superior, como o PROUNI, o ENEM, o Sistema de Seleção Unificada - SISU, e o financiamento do FIES, abriram esse espaço de inclusão de segmentos sociais e etários que não tiveram essa oportunidade no tempo certo. Observa-se que em 1990 apenas 3,1% dos alunos tinham bolsa e 23,6% recorriam ao crédito educativo. Já em 2013, havia 55,6% dos estudantes com bolsa, entre PROUNI, empresas, sindicatos e outros tipos. Além das bolsas, constatou-se que 78% também utilizavam o FIES.

Outro dado importante é o estado civil. Na comparação, notou-se que 84,3% dos estudantes, em 1990, eram solteiros, contra 81,8% de 2013. Diferença que desaparece na margem de erro, mas que também pode corroborar a hipótese do envelhecimento. Em 1990, os casados eram 10,7% contra 16,5% de estudantes em situação de algum tipo de casamento (civil, religioso, coabitação) em 2013. Destaca-se que, em 2013, houve a identificação de 2,8% vivendo em união consensual (Gráfico 5).

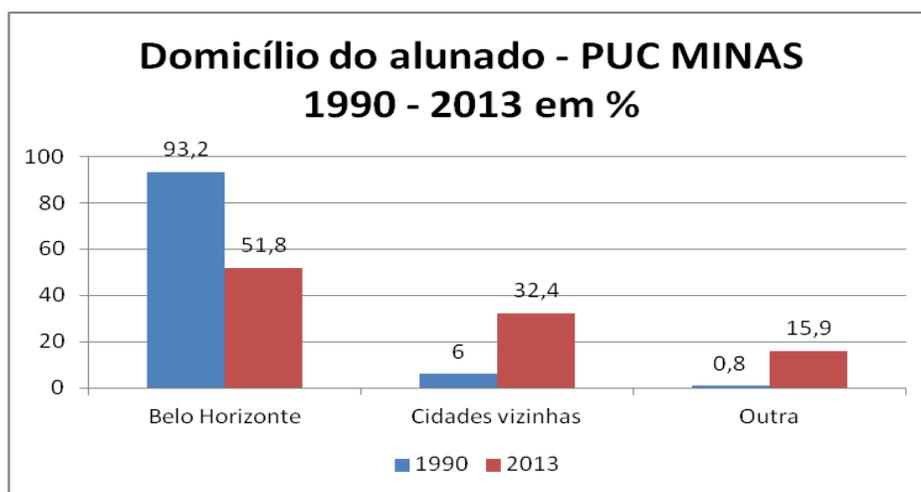
**Gráfico 5 – Situação conjugal – alunado survey 2013**



Fonte: Dados da pesquisa 2013.

Os dados sobre naturalidade revelam que houve queda nos percentuais comparativos entre as pesquisas: de 57,3% dos estudantes (1990) naturais de Belo Horizonte para 52,6%, em 2013. Por outro lado, mais que dobrou o contingente de alunos dos municípios da Grande BH: de 5,5% (1990) para 12,8%, em 2013. Quanto ao domicílio (Gráfico 6), houve também significativa mudança: se em 1990 havia 93,2% dos estudantes residindo em BH e 6% em cidades próximas à capital, em 2013 há 51,8% residindo em BH e 32,4% na Região Metropolitana, havendo ainda 15,9% morando em outras cidades. Portanto, a PUC Minas está recebendo muito mais estudantes de fora da capital.

**Gráfico 6 – Domicílio do alunado PUC Minas – 1990 e 2013**



Fonte: Dados das pesquisas de 1990 e 2013.

Quanto ao trabalho, cresceu o número de alunos (as) em atividade: de 61,5% (1990) para 70,1% (2013). Também cresceu o percentual daqueles(as) que contribuem para a renda familiar: em 1990 eram 33,8%, sendo que 59,7% não contribuía, e em 2013 há 48% dos estudantes contribuindo para a renda da família, dos quais 11% são a fonte principal de recursos financeiros. Tais dados reforçam a hipótese do “envelhecimento”. Os dados da PNAD 2013 mostram que entre 2012 e 2013 houve aumento de quase 1% nos trabalhadores com ensino superior, de 13,1% para 13,9% (IBGE, 2014)

Sobre a renda familiar, os dados parecem contraditórios e merecerão aprofundamento no desenrolar da pesquisa, especialmente comparando com outras pesquisas de renda. Também a identificação das classes sociais, ainda em trabalho com os dados, poderá ser confrontada com esses números. A Tabela 1 traz os dados comparativos:

**Tabela 1 – Renda familiar: 1990 – 2013**

<b>Salário Mínimo (SM)</b>	<b>1990 em %</b>	<b>2013 em %</b>
1 SM	1,1	2,4 ↑
1 a 2 SM	25	13,6 ↓
2 a 3 SM	19,6	20,5 ↑
3 a 5 SM	25,5	22,6 ↓
5 a 10 SM	18,5	20,5 ↑
10 a 10 SM	8,7	13,4 ↑
Acima de 20 SM	1,6	7,1 ↑

Fonte: Dados das Pesquisas de 1990 e 2013

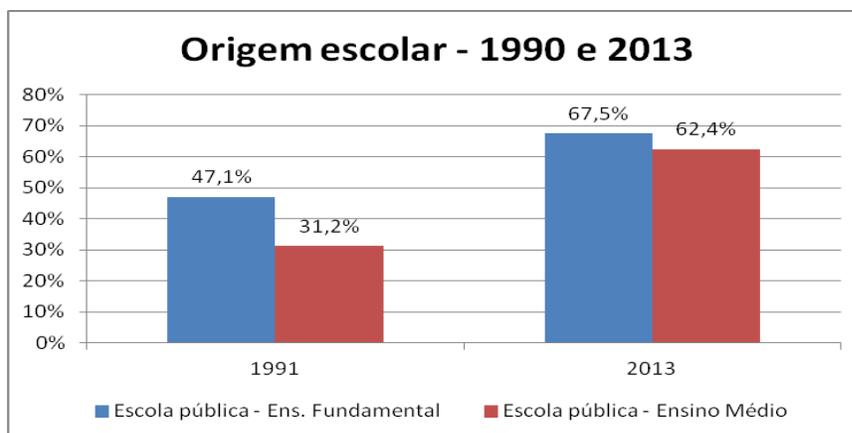
O que mais parece estranho é a queda de quase 50% na faixa de renda entre 1 a 2 SM e precisa ser mais compreendida. Evidentemente, o país viveu grande mudança na valorização do SM desde o lançamento do Plano Real. O aumento real, que ficou acima da inflação, na média por ano, foi de 4,6%. Em 20 anos ele subiu 1.019% (FORDELONE, 2014). A pesquisa de 1990 fez referência apenas a “salário mínimo”, nas diversas faixas. O *survey* de 2013, além da referência ao salário mínimo, apresentava os respectivos valores em reais para cada faixa de 2013.

Nota-se o aumento do percentual de alunos com renda familiar acima de 5 SM, especialmente acima de 20 SM, exceção ao que já foi destacado antes, e também uma queda de 3 pontos percentuais na faixa entre 3 e 5 SM. Uma hipótese inicial, bem óbvia, é que a pesquisa de 2013, apesar dos problemas econômicos dos últimos anos, desde a crise de 2008, mostra que houve um crescimento da renda, se comparado com a situação anterior ao Plano Real, contexto de altíssima inflação.

## 2.2 Dados escolares e acadêmicos

As pesquisas de 1990 e 2013 colheram dados sobre a origem dos estudantes em relação do tipo de escola, pública ou privada. Os resultados comparativos são muito interessantes. A hipótese apresentada anteriormente, sobre o incremento das políticas públicas na educação, parece também aqui fazer sentido. Houve grande crescimento da participação da escola pública como origem escolar dos universitários. Em 1990 eram 47,1% dos alunos que fizeram o Ensino Fundamental em escolas públicas e 31,2% dos estudantes que cursaram o Ensino Médio também nesse segmento escolar. Em 2013, no Ensino Fundamental, 69,5% (de 1ª. a 5ª. série) e 65,4% (de 6ª a 9ª. série) eram oriundos de escolas públicas. No Ensino Médio dobrou essa participação da escola pública: 62,4% em 2013. A média para o Ensino Fundamental (1ª. a 5ª. série e entre a 6ª. e 9ª. série) ficou em 67,5% em 2013. (Gráfico 7).

**Gráfico 7 – Origem escolar do alunado PUC Minas 1990 – 2013**



Fonte: Dados das pesquisas de 1990 e 2013.

Houve no *survey* de 2013 uma questão sobre a avaliação do Ensino Fundamental e Médio. As respostas foram surpreendentes para a lógica do senso comum e a visão “quase” consensual sobre a qualidade da escola pública. Para 78,3% dos estudantes, o ensino de 1ª. a 5ª. série foi considerado entre bom (45,6%) e ótimo (32,7%). Semelhantemente, 72,2% consideraram também entre bom e ótimo

o ensino na 6<sup>a</sup>. a 9<sup>a</sup>. série. Com pequena queda, a avaliação do ensino médio ficou com 68,2%, entre bom (42,9%) e ótimo (25,3%). Apesar dos graves e históricos problemas da educação no Brasil, dos resultados ainda baixos do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes – PISA e da Prova Brasil, deve-se destacar o crescimento dos indicadores do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB e a boa avaliação que os universitários oriundos da escola pública têm da sua formação nesse tipo de escola.<sup>6</sup> Revela também algum resultado do crescimento do investimento público em educação dos últimos anos.

Diversos outros dados acadêmicos constaram no *survey* de 2013 e que não estavam na pesquisa de 1990. A maioria dos estudantes não fez cursinho (62,2%), assim como 76,6% estão fazendo o primeiro curso de graduação. Outro dado importante diz respeito à escolha do curso: para a maioria (57,9%) foi usado como critério de escolha a aptidão; em segundo lugar, para 18,3% a escolha foi a relação com o trabalho; e em terceiro se escolheu o curso pela relação com o mercado de trabalho (10,5%). Também houve grande manifestação de satisfação com a escolha: 92,2%. Em 1990, houve a identificação de 66,2% que escolheram o “curso da profissão” e 17% que não tinham profissão definida.

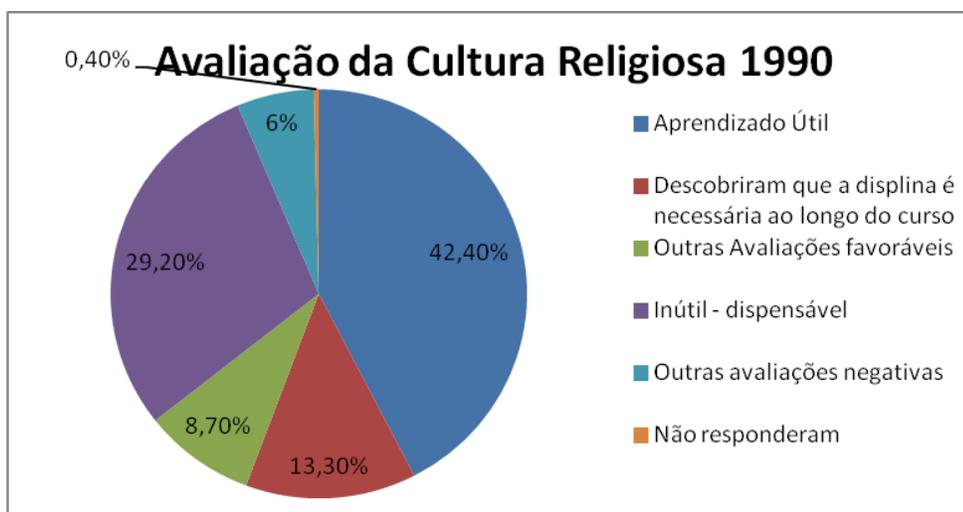
Outras informações importantes, especialmente para a gestão universitária, apareceram nas questões relativas à extensão e à pesquisa: 71% têm interesse em participar de atividades extensionistas, sendo que outros 12,4% já participam. Quanto à participação em pesquisa, percentual quase idêntico: 70,7% têm interesse. Os que já realizam atividades de pesquisa são 7,6%. Também há grande interesse em continuar os estudos na pós-graduação: 54,8% dos estudantes querem fazê-la depois de formados e outros 33,6% assim que estiverem trabalhando.

---

<sup>6</sup> O PISA é o *Programme for International Student Assessment*, aplicado a alunos de 15 anos, nessa faixa etária, ao final da escolaridade básica obrigatória em diversos países, coordenado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). O Brasil tem melhorado, mas muito lentamente, em matemática, leitura e ciências. O IDEB, coordenado pelo INEP, avalia fluxo escolar e média de desempenho dos estudantes, com base no Censo Escolar, na Prova Brasil e no Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb). O índice do IDEB passou, numa escala de 10, de 3,8 em 2005 para 5,2 em 2013, com meta de chegar a 6 em 2022. Em comparação com outros países houve grande crescimento, mas o Brasil está distante de diversos países. Essas e outras informações podem ser acessadas no sítio do INEP. Segundo dados da Folha (FOREQUE, 2013), o Brasil aparece, entre os 65 países, na 13<sup>a</sup>. posição no PISA de 2012 (Cf. OCDE, 2014).

As pesquisas de 1990 e 2013 se detiveram também em avaliar duas matérias que fazem parte de todos os currículos dos cursos da PUC Minas: Filosofia e Cultura Religiosa. Em 1990 havia 69,1% dos estudantes que cursaram Cultura Religiosa, oferecida na época nas disciplinas Cultura Religiosa I e II. Para 64,4% a avaliação foi positiva, ainda que considerando-a matéria “útil, mas não fundamental”. De outro lado, a avaliação negativa ficou em 35,2%, sendo que 29,2% consideravam-na “inútil e dispensável” (BAPTISTA, 2013a, p. 1295-1296). (Gráfico 8).

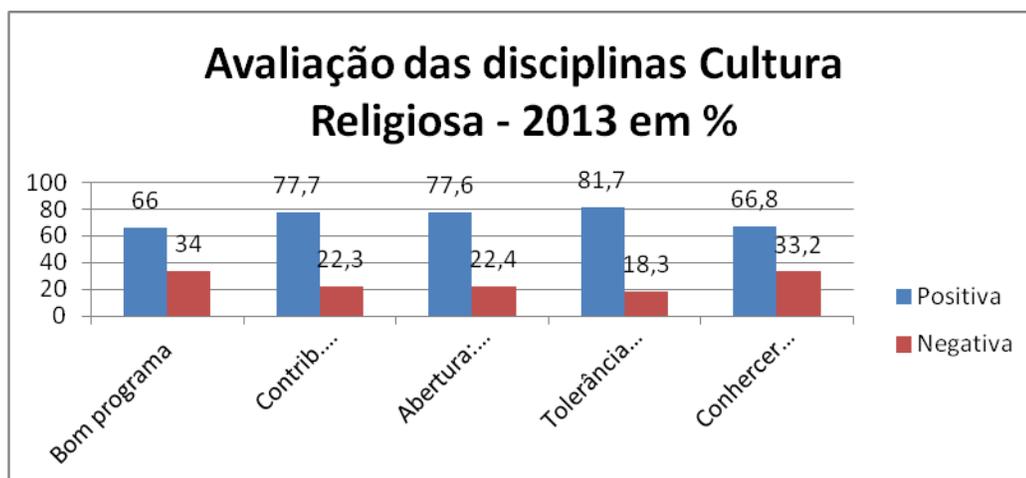
**Gráfico 8 – Avaliação das disciplinas de Cultura Religiosa - 1990**



Fonte: BAPTISTA, 2013a, p. 1296

Também a avaliação dos docentes e do programa foi positiva, sendo que o aspecto mais negativo dizia respeito à metodologia/didática (BAPTISTA, 2013a, p. 1296).

Já em 2013, o percentual de alunos que cursaram a matéria foi maior: 84,7%. Houve maior amplitude de critérios avaliativos, abarcando se o programa é interessante, sobre a contribuição para a formação humana e profissional, para o diálogo e o respeito, para a tolerância e o diálogo inter-religioso, e para despertar a espiritualidade. Em todos esses quesitos, a avaliação foi positiva – concordo totalmente e concordo.

**Gráfico 9 – Avaliação das disciplinas Cultura Religiosa – 2013 em %**

Fonte: Dados da pesquisa de 2013

A avaliação dos professores também foi muito positiva, identificando o seu conhecimento (84,35), a didática (77,3%) e a boa relação com a turma (83,3%), mostrando significativa alteração em relação à pesquisa de 1990. Uma das razões possíveis para esse resultado foi a qualificação e a formação continuada dos professores, sendo que a quase totalidade tem pós-graduação *stricto sensu*. Outra razão, observada por este pesquisador, que também é docente dessas disciplinas, que é mais do que uma hipótese, é a constatação que há uma receptividade muito mais positiva às disciplinas hoje que em 1990. Na década de 1990 havia maior resistência dos alunos(as) em cursá-las.

Quanto à matéria Filosofia, tendo 96,1% dos estudantes já cursado as suas duas disciplinas, que abordam temáticas de Antropologia e História (Introdução) da Filosofia e Ética, houve uma avaliação ainda mais positiva, tanto no programa (com 68,4%) quanto nos outros quesitos: formação profissional e ética (88,3%); abertura ao diálogo e respeito (83,5%); compreensão do mundo (87,1%); e pensamento crítico (81,9%). Sobre a avaliação dos professores, apenas a didática ficou inferior à avaliação de Cultura Religiosa (77,6%), com 72,4%. O conhecimento dos temas e a boa relação com a turma foi praticamente a mesma: 84,6% e 82,6%, respectivamente.

### 2.3 Caracterização Religiosa

Observou-se, na análise dos dados, que tanto em 1990 quanto em 2013 há um papel importante da religião nessas duas gerações. Mais do isso, houve grande crescimento dos jovens que se declaram religiosos em 2013. Essa realidade também pode servir como uma das hipóteses explicativas que justifiquem o crescimento da receptividade positiva das disciplinas de Cultura Religiosa, destacado anteriormente.

Constatou-se, em 1990, que 63,1% dos estudantes declararam ter algum tipo de crença contra quase 90% em 2013 (89,3%). Esse crescimento é surpreendente, pois o Censo do IBGE 2010 mostrou também queda na expressão religiosa dos jovens. Também houve, por exemplo, justamente a queda do catolicismo de 73,9% para 64,6%. Os dados sobre a “não resposta”, em 1990, ficou em 29,6% dos alunos(as), e em 2013 em 17,4%, e se incluirmos, em 1990, os ateus (2,2%), esse número chega a 30,9%. Também há outros 8,9% estudantes que em 1990 disseram não ter “religião definida” ou identificaram-se com “outras”. Aí chegaríamos a um percentual de 40%.

O que significam esses números de 1990: seriam os “sem religião”? Como interpretar tal situação? A pesquisa de 1990 não colocou opções para expressão da filiação religiosa, como em 2013, deixou a questão aberta.

Pode-se formular a hipótese sobre um campo intermediário, que não aparece nos Censos e, raramente, em pesquisas. Postula-se que parte desses alunos, que não se identificam, nem se filiam e participam de “religião”, de nenhum tipo de instituição religiosa, não podem, sem mais, ser categorizados como “sem religião”, “sem” fé, religiosidade ou espiritualidade. Há diversos autores que têm se debruçado sobre essa questão (RODRIGUES, 2012; NOVAES, 2013). É plausível que uma parte deles pode ser de ateus, agnósticos ou de múltipla pertença religiosa. A pesquisa de 2013 abriu essa possibilidade de identificação: o novo

modelo de questionário ofereceu espaço para expressão de outros tipos de expressão religiosa.

A tabela a seguir (3) propicia melhor visualização desses dados, especialmente o desafio de se compreender o fenômeno dos “sem religião”.

**Tabela 3: Ter ou não religião em % - 1990 - 2013**

1990		2013	
SIM	NÃO	SIM	NÃO
63,1	27,5	89,3	10,7
Não responderam à questão		Não responderam à questão	
29,6		17,4	

Fonte: Dados das pesquisas de 1990 e 2013

A interpretação da declaração relativa aos “sem religião” continua um problema a ser refletido e pesquisado. Em 2013, conforme Tabela 4, houve a identificação daqueles se diziam “sem religião, com fé”. A expressão da “filiação religiosa atual”, em 2013, indicou que eles são 7,4%, próximo do que o Censo IBGE 2010 identificou: 8%. Segundo Novaes (2013, p. 175), a média da idade dos “brasileiros que se declaram sem religião é de 26 anos”, o que coincidiria em parte com a realidade dos universitários. Para a idade de 15 a 29 anos, segundo o Censo 2010 esses chegariam a 9,5%. Observou-se nas pesquisas de 1990 e 2013 que houve crescimento da expressão da filiação religiosa de 41,5%, ou seja, de 63,1% (1990) para 89,3% (2013). Como explicar essa situação?

A hipótese levantada anteriormente defendia a posição que a declaração de não ter religião não pode ser identificada como sendo de ausência de fé, religiosidade e espiritualidade. Nota-se que grupos de protestantes, por exemplo, quando perguntados se têm religião, respondem que não. Porém, costumam dizer que têm fé em Jesus Cristo. Outra explicação plausível, já referida, está na

diferença dos questionários: o novo modelo de 2013 ofereceu maior espaço, com opções, para expressão da atitude religiosa ou não do estudante. A pesquisa de Rodrigues (2012) discute também outras hipóteses como a mobilidade e o trânsito religioso.

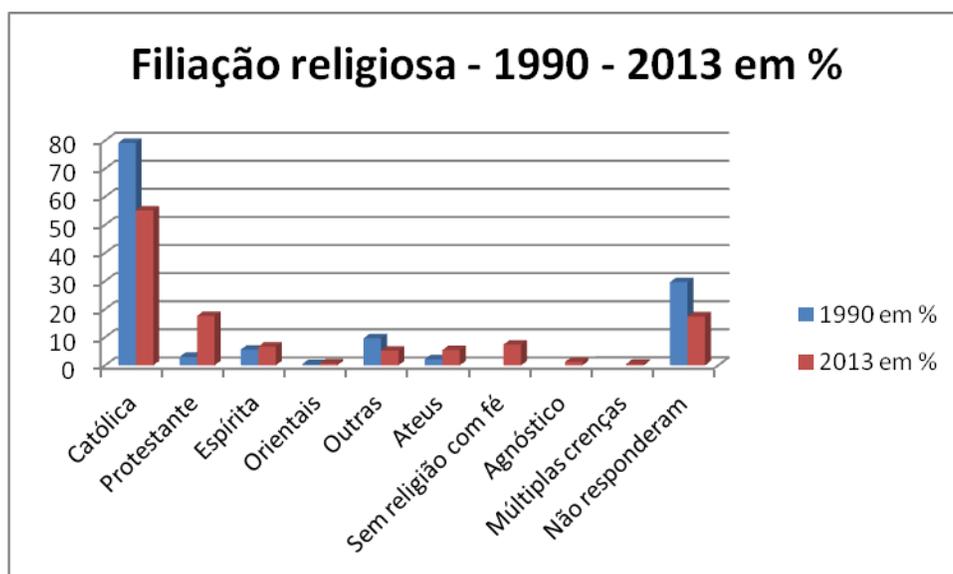
Em 1990, quando os respondentes que manifestaram sua filiação religiosa foram solicitados a informar sua opção, os Católicos representavam a grande maioria: 79,2% ou 81%, se excluirmos dos cálculos percentuais os ateus.<sup>7</sup> O segundo grupo religioso que aparecia era de “Outros” (sem religião definida), com 8,9%, seguido dos Espíritas, com 5,6%. Os protestantes vinham em quarto lugar, com 3%. No Censo IBGE 1991, os protestantes eram 9% e as outras religiões representavam 3,6%, sendo que os Espíritas correspondiam a 1,1%. Os “sem religião” eram 4,7%. Somente a situação de filiação religiosa dos católicos esteve próxima do levantamento censitário, o que mostra a peculiaridade da geração universitária, apesar do universo brasileiro.

Recentes resultados de pesquisas, como a da Secretaria Nacional de Juventude - SNJ (2013), mostram dados muito próximos quanto ao catolicismo. Em comparações longitudinais, na perspectiva transversal, entre 2003 e 2013, os católicos passaram de 65% para 55%; e na comparação entre as coortes (15 a 19 anos em 2003; e 25 a 29 anos, em 2013), os católicos passaram de 65% para 57%. Tais resultados se aproximam do *survey* 2013. Já os números dos protestantes e das outras religiões se distanciam (SNJ, 2013, p. 20).

Só a temática religiosa, como se pode ver, propiciaria diversas análises e comparações com outras pesquisas. Mas a prioridade deste artigo é oferecer os dados e propiciar que os diversos pesquisadores dessas áreas possam se debruçar sobre eles.

---

<sup>7</sup> O Censo do IBGE de 1991 indicava para a população brasileira o percentual de Católicos em 83,3%.

**Gráfico 10 – Filiação religiosa do alunado PUC Minas em 1990-2013 em %**

Fonte: BAPTISTA, 2013a, p. 1289 e dados da pesquisa 2013.

A análise comparativa mostra, portanto, grande mudança em 2013: o crescimento do número de estudantes que declararam ter algum tipo de crença (de 63,1 para 89,3%), a diminuição daqueles(as) que deixaram de responder à questão, de 29,6 para 17,4%, além das quedas institucionais, como dos católicos (79,2 para 55,1), e o crescimento de todos os outros grupos, exceção a “outras”, especialmente o aumento expressivo dos protestantes de 3 para 17,6%. Tal crescimento protestante no meio universitário foi muito superior à realidade nacional censitária: de 586,7% (3 para 17,6% entre as pesquisas de 1990 e 2013), contra 246,7% entre os Censos IBGE de 1991 e 2010, ou seja, de 9 para 22,2%.

Ainda sobre a filiação religiosa, a pesquisa de 2013 abriu espaço para a importante identificação das religiões, indicando esse processo no ciclo de vida: infância (até 9 anos), na pré-adolescência (10 a 14 anos), na adolescência (15 a 18 anos), na juventude (19 a 29 anos), além de pedir a filiação “atual”.

A Tabela 4 mostra que a conhecida tendência geral dos grupos religiosos no Brasil, identificada nos últimos censos, se manteve também no *survey* 2013. Na pesquisa de 2013 foi possível identificar tipos de igrejas protestantes, além do ateísmo, dos “sem religião com fé”, do agnosticismo e da múltipla religiosidade.

Nesse sentido, observou-se que os Pentecostais, excluindo o principal grupo protestante manifestado na pesquisa (Batista), representavam 5,4%, dentre os 17,6% protestantes. Se os Batistas forem incluídos dentre os Pentecostais, hipótese plausível em Belo Horizonte, pela força da “Igreja Batista da Lagoinha”, de forte expressão pentecostal, então, os Pentecostais representariam 13,7% dos Protestantes, ou seja, 77,8% da tradição religiosa protestante entre os universitários. Portanto, o crescimento protestante identificado nos últimos Censos do IBGE, especialmente pentecostal, também acontece entre os universitários.

Igualmente, observa-se na Tabela 4 os grupos que cresceram ao longo do ciclo de vida e aqueles que caíram. É importante destacar essa variação da infância à religião atual. O catolicismo se apresenta com queda em todo o processo, revelando o trânsito religioso e sua condição de “doador universal”. Porém, na situação da “religião atual”, há quedas nos segmentos Protestante e Espírita. Ao contrário disso, as “outras religiões”, os “ateus”, os “agnósticos”, os “sem religião com fé” e aqueles com “múltipla religiosidade” continuaram em crescimento. O amadurecimento do universitário e o “espírito” mais crítico do ambiente podem servir de hipótese explicativa para tal realidade. Regina Novaes (1985, p. 48) apontava na década de 1980 que o catolicismo era concebido como a “lei dos pais”, ou seja, o trânsito para outras religiões, como o protestantismo, representava também o rompimento com a família. Essa realidade mudou completamente (NOVAES, 2013, p. 182).

**Tabela 4 – Filiação Religiosa no ciclo de vida – PUC Minas em 2013 em %**

RELIGIÃO	INFÂNCIA (até 9 nos)	PRÉADOLESCÊNCIA (10 a 14 anos)	ADOLESCÊNCIA (15 a 18 anos)	JUVENTUDE (19 a 29 anos)	ATUAL (dez. 2013)
CATÓLICA	80,9	73,7 ↓	62,5 ↓	55,3 ↓	55,1 ↓
PROTESTANTE	12,0	15,4 ↑	17,1 ↑	18,6 ↑	17,6 ↓
ESPÍRITA	1,7	3,7 ↑	5,3 ↑	7,1 ↑	6,7 ↓
OUTRAS	2,8	3,2 ↑	4,3 ↑	5,3 ↑	5,9 ↑
Ateu	0,9	2,0 ↑	4,8 ↑	5,1 ↑	5,4 ↑
Agnóstico	0,25	0,17 ↑	1,1 ↑	1,1 ↑	1,2 ↑
Sem religião, com fé	1,3	1,7 ↑	4,5 ↑	7,1 ↑	7,4 ↑
Múltipla religiosidade	0,17	0,17	0,25 ↑	0,42 ↑	0,5 ↑

Fonte: Dados da pesquisa 2013.

Sobre essa tabela anterior, a condição de queda/transfêrencia do catolicismo para outras religiões é também encontrada em pesquisa em Belo Horizonte (PANASIEWICZ, 2012, p. 1260), mas também na realidade latino-americana: segundo Pew Research Center (2014, p. 10), sã 54% os protestantes que foram criados no catolicismo.

A tabela a seguir (5) mostra a comparaçã dos dados em 1990 e 2013, incluindo o conjunto das “religiões orientais”, realidades provocantes à análise.

**Tabela 5 – Comparaçã da declaraçã de Filiaçã religiosa alunos(as) da PUC Minas 1990 e “Atual” (2013) em %**

<b>RELIGIÃO</b>	<b>1990</b>	<b>2013</b>
CATÓLICA	79,2	55,1 ↓
PROTESTANTE	3,0	17,6 ↑
ESPÍRITA	5,6	6,7 ↑
ORIENTAIS	0,4,	0,7 ↑
OUTRAS	9,6	5,2 ↓
Ateus	2,2	5,4 ↑
Sem religiã, com fé	...	7,4
Agnóstico	...	1,2
Múltipla religiosidade	...	0,5
<b>TOTAL</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>
Nã responderam	29,6%	17,4%

Fonte: Dados da pesquisa 2013.

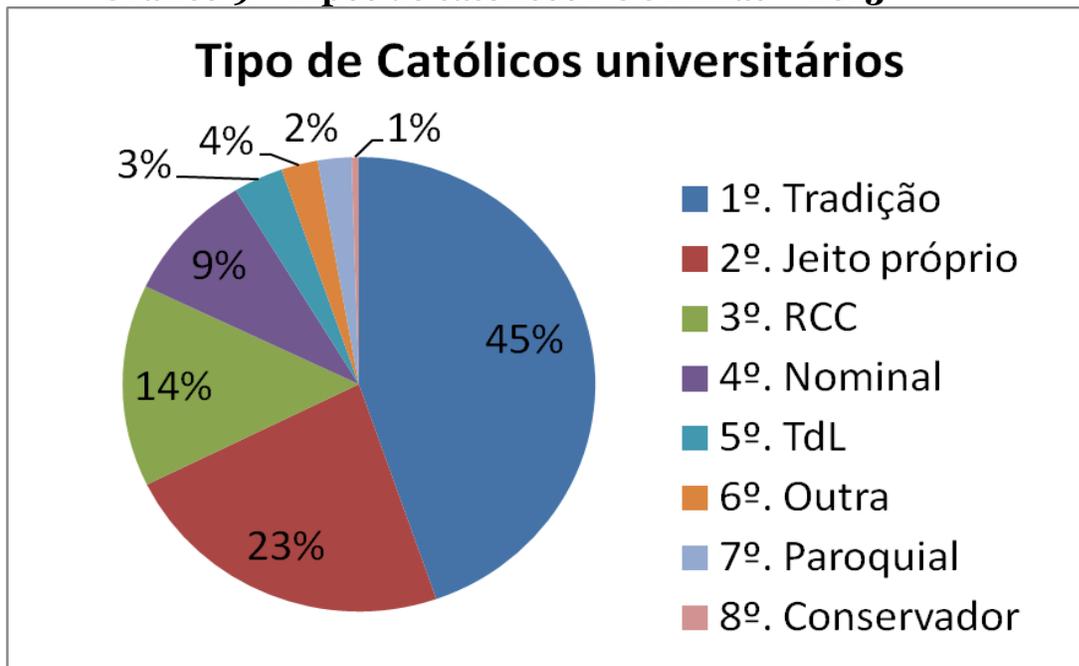
Sobre o grupo Protestante, foi possível em 2013 identificar as diversas Igrejas: Presbiteriana, Luterana e Metodista com 3,9%; os Batistas com 8,3% e os Pentecostais (Quadrangular, Assembleia de Deus, Congregaçã Cristã, Maranata, Igreja Universal do Reino de Deus, Deus é Amor) com 5,4%. Como já foi dito, destaca-se a maior filiaçã à Igreja Batista. Entretanto, a pesquisa nã diferenciou tipos de Batistas, “tradicionais”, “renovados” ou pentecostais. Diferentemente do Censo IBGE 2010, o crescimento pentecostal, especialmente da Assembleia de Deus, nã se fez presente entre os universitários em 2013 (JACOB et al, 2013, p. 15).

Houve crescimento significativo dos jovens ateus: passaram de 1,6% para 5,4%, entre 1990 e 2013, um aumento de 238%, como também cresceu o número daqueles de se declaram espíritas: de 3,9% para 6,7%, um aumento de 72%.

O *survey* de 2013 trouxe um leque grande de opções de religião para a escolha dos respondentes e ainda apresentou a opção “outra religião”, que foi a opção de 1,8% dos estudantes. O pluralismo religioso e o crescimento da diversidade religiosa é uma realidade presente. Religiões com pouca autodeclaração foram as seguintes: Budismo, Messiânica, Testemunhas de Jeová, Adventistas, Umbanda, Candomblé, Judaísmo, Seicho-no-iê, Mórmons, Wicca, totalizando ao todo 2,4%. As religiões orientais assinalam um pequeno crescimento de 0,4%. A tradição afro-brasileira, não identificada na pesquisa de 1990, agora aparece com 1,1% (Umbanda 0,67% e Candomblé com 0,43%).

Uma novidade de 2013 foi identificar os tipos de católicos, o que pode ser visto no gráfico 9, com oito tipos, incluindo a Renovação Carismática Católica (RCC) e a Teologia da Libertação (TdL):

**Gráfico 9 – Tipos de católicos PUC Minas – 2013**



Fonte: Dados da pesquisa 2013

Outro dado comparativo importante diz respeito à frequência religiosa:

**Tabela 6: Frequência às cerimônias religiosas em % - 1990 - 2013**

<b>Frequência às cerimônias religiosas</b>		
<b>Frequência</b>	<b>1990</b>	<b>2013</b>
Frequentam regularmente	24,6	26,6
Duas ou três vezes por mês	-----	9,5
Raramente	-----	32,8
Não frequentam	55,0	4,6
Não responderam	20,4	26,5
<b>TOTAL</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

Fonte: Dados das pesquisas de 1990 e 2013

Apesar de não existir correspondência entre as questões de 1990 e 2013, perguntou-se sobre frequência religiosa. Observa-se que há mais frequência atualmente que naquela época entre os jovens universitários. Em 1990 eram 55% os estudantes que não frequentavam os atos religiosos contra 24,6% que participavam, dos quais 15,4% eram mulheres. Em 2013, os que frequentam (de todo dia a 2-3 vezes por mês) eram 36,1% e raramente (uma vez por mês ou socialmente) eram 32,9%. Já 31% estavam entre os que não frequentavam, seja a sua própria religião (4,6%), os que não declararam filiação (9%), incluindo ainda os que não responderam à questão (17,4%).

Em relação à participação em outras atividades da religião, somente a pesquisa de 1990 formulou a pergunta desta maneira. Dos respondentes, a maioria disse frequentar grupos de jovens (5,5%) e, em segundo lugar, a participação em encontros e cursos (orações e cursilhos), com 2,6%.

No *survey* de 2013 houve uma questão sobre preces e orações fora dos lugares sagrados. A resposta foi que 53,7%, ou seja, mais da metade dos respondentes, fazem-nas todos os dias fora dos lugares sagrados e de culto; 11,3% fazem de duas a três vezes por semana; e 7,5% uma vez por semana. Somando estas porcentagens, temos que 72,5% dos estudantes fazem preces e orações regularmente fora dos lugares sagrados e de culto. Temos ainda que 8,8% dos(as)

alunos(as) nunca as fazem fora desses lugares e 13,4% que o fazem muito raramente, totalizando 22,2%.

Finalizando os dados religiosos, perguntou-se nas duas pesquisas sobre a atividade “Pastoral universitária”. Em 1990 havia 69,4% dos estudantes que não conheciam esse setor da universidade, percentual próximo de 2013: 72,5%. Manifestaram interesse em participar 32,2% dos estudantes em 1990. O *survey* de 2013 identificou que 80,3% nunca participou de atividades desse setor, mas revelou também que 33,5% têm interesse em participar de grupos de reflexão, 43,6% têm interesse em participar de atividades em comunidades carentes, e 24,5% mostram interesse em participar de celebrações religiosas.

## 2.4 Caracterização sociopolítica e cultural

A parte do questionário de 2013 sobre a situação sociopolítica e cultural foi bem abrangente, correspondendo a 42,7% do formulário, com 108 questões. Tratou do uso do tempo pelos(as) alunos(as), a identificação do que é importante na vida do estudante, sobre a participação em redes sociais e seu uso, também a avaliação sobre manifestações, marcadamente juvenil, de 2013, além do uso/consumo e avaliação sobre drogas, sobre a participação em movimentos socioculturais e políticos, a preferência partidária e critérios de escolha política, e finalmente sobre o tema preconceito/*bullying*. Infelizmente, foi a parte menos trabalhada nessa etapa da pesquisa. Em 1990 esses dados ficaram separados em “participação sociopolítica e religiosa” e “hábitos socioculturais”. Destacam-se apenas alguns dados mais significativos, deixando fora as questões ético-morais, drogas, participação em movimentos e grupos, além de preconceitos e *bullying*.

Em 2013, as atividades nas quais são dedicadas mais horas na semana (8 a 10 ou mais horas) referem-se às redes sociais/internet (32,7%) e estudo (24,7%). A opção “atividade religiosa” teve 29,3% dos respondentes informando “zero” hora, um pouco abaixo de festas com 31,3% e bem distante de jogos digitais, com 64,8%,

e eventos culturais (49,7%), também com zero hora. Em 1990, a utilização do tempo livre teve como primeira opção (34,5%) em “eventos sociais”, seguida de cinema/teatro, com 20,2%. A participação em eventos religiosos foi baixíssima como 1ª. opção, com 1,8%.

Sobre o que é importante na vida, pergunta que foi apresentada somente em 2013, com 15 opções, destaca-se em primeiro lugar o estudo (99,2%), seguido de família (99%), trabalho (98,5%), amizade (98,4%). Deus, religião e espiritualidade aparecem em 8º. lugar de importância, mas com percentual alto (89%), depois de dinheiro (92,3%), mas acima de esporte (84,7%), sexo (84%), política (73,9%) e, paradoxalmente, redes sociais (39,5%).

Quanto ao tipo de leitura, destaca-se que em 2013 se lê muito: “textos” para atividades escolares, em 1º. lugar para 78,7%, e livros básicos (63,9%). Literatura ficou em 4º. lugar, com 32,5%. Bíblia e livros religiosos/de espiritualidade ficaram em 7º. e 9º. lugares (entre 11 opções), com 20,6% e 15,4% respectivamente, acima de revistas semanais (13,1%) e auto-ajuda (8,7%). Em 1990, apareciam como 1ª. opção a leitura de periódicos (38,5%), seguida de literatura (27%). Espiritualidade era a 4ª. opção, com 10,5%, o que parece reforçar o perfil comparativo já apresentado, mostrando mais interesse religioso nos universitários de 2013.

Há 91,6% dos estudantes conectados em redes sociais em 2013, que manifestaram usá-la para “passar o tempo” (94,5%), para criar relações profissionais (82,9%) e se expressarem politicamente (79,1%). Quanto às manifestações políticas de 2013, 86,3% dos estudantes consideraram-nas importantes para mudar o país e que elas os ajudaram a mudar sua visão (49,7%).

Sobre a opção político-partidária, observou-se em 1990 que 61,8% dos(as) alunos(as) indicaram o partido. O preferido foi o PT (31,7%), seguido do PSDB (11,5%). Em 2013, possível decepção política parece se revelar na manifestação de 75,3% dos estudantes que disseram não ter preferência partidária. O PT continuou como a 1ª. opção (13,4%) e o PSDB como a segunda (4,6%), bem abaixo de 1990. Cruzando com dados religiosos, observou-se que o maior apoio ao PT, ainda que

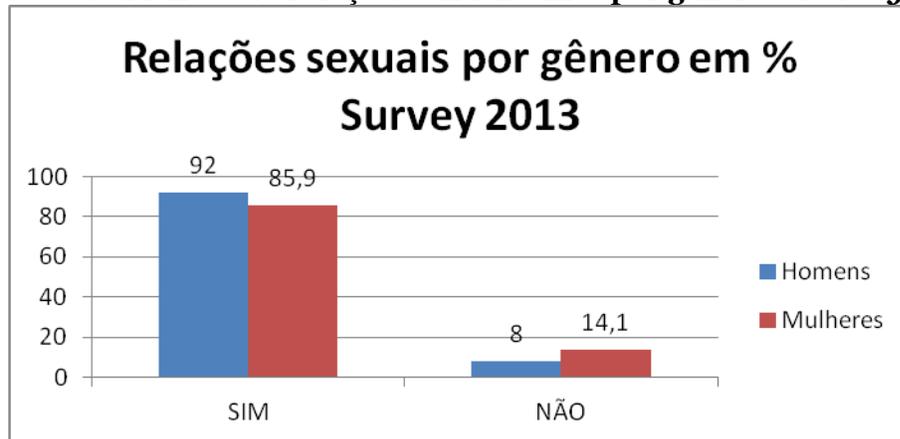
pequeno, é do grupo “sem religião, com fé” (14,6%), seguido dos ateus (13,8%) e dos católicos (13%).

Sobre critérios para a escolha dos candidatos (questões de 2013), perguntou-se sobre a última eleição (2012): a 1ª. resposta foi “analisar informações do candidato/partido” (39,9%), seguida de “escolher a pessoa e suas propostas e não o partido” (21,3%). Para a próxima eleição mantiveram-se as mesmas opções, respectivamente, com 54,2% e 16,6%.

## 2.5 Dados sobre sexualidade e fecundidade

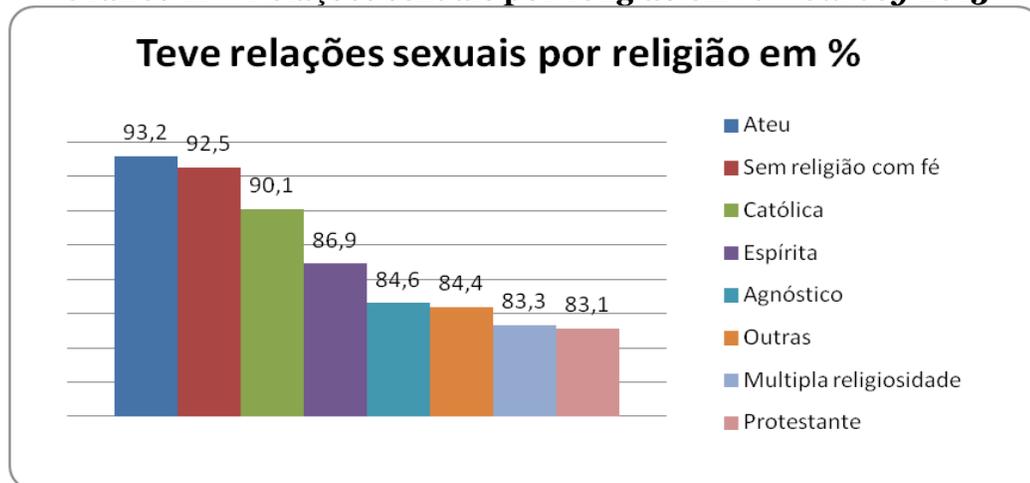
Questões de natureza sexual e afetiva não são fáceis de serem coletadas e analisadas, pois na coleta dos dados observa-se que há receio das pessoas em expressarem informações íntimas dessa natureza. O questionário *online* pode reduzir parte desse problema. Diferentemente de 2013, em 1990 não foram levantadas essas questões. Porém, no *survey* de 2013, essas perguntas ficaram na última parte, nos itens 240 a 253, o que certamente também contribuiu para a ocorrência do maior percentual de estudantes que não responderam às perguntas, deixando a margem de erro em 3%.

Perguntados sobre se já tiveram relações sexuais 88,8% dos estudantes respondentes disseram que sim, sendo que destes 41,6% eram homens e 47,2% mulheres. Porém, analisando a proporção dos respondentes por sexo, observou-se que 92,2% dos homens tiveram relação sexuais, contra 85,9% da mulheres. O percentual de respondentes foi de 72,6%, ou seja, 1.050 dentre os 1.446 da amostra institucional. (Gráfico 10).

**Gráfico 10 – Se o estudante teve relações sexuais em % por gênero – Survey 2013**

Fonte: Dados da pesquisa 2013

Entre os que declararam já ter tido relações sexuais, observou-se que os grupos “ateus”, “sem religião, com fé, e católicos estavam acima de 90%. Apesar da pouca diferença entre as religiões, destaca-se ainda que o grupo religioso correspondente à menor declaração de iniciação sexual é protestante, com 83,1%, tradicionalmente conhecido pelo rigor em termos de moral sexual. O gráfico 11 mostra essa realidade:

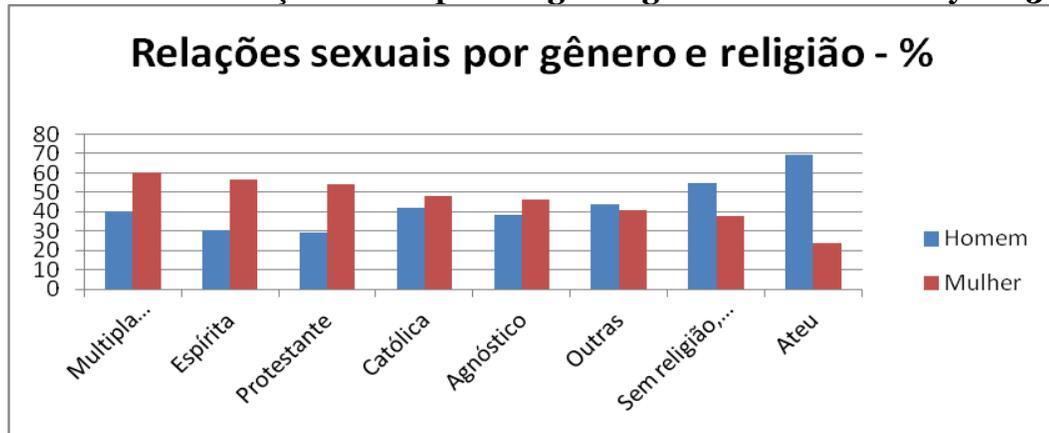
**Gráfico 11 – Relações sexuais por religião em % – Survey 2013**

Fonte: Dados da pesquisa 2013.

Excluindo os estudantes que não responderam a essa questão e cruzando os dados com filiação religiosa e sexo, observa-se que as mulheres predominam entre os grupos de “múltipla religiosidade”, “Espíritas”, “Protestantes”, “Católicos” e

“Agnósticos”. Os homens predominam entre os “ateus”, “sem religião com fé” e “outras”. Houve o cuidado de levantar o percentual proporcional por sexo, dentro dos grupos religiosos, evitando o dado absoluto, que alteraria o resultado, tendo em vista que há mais mulheres. (Gráfico 12).

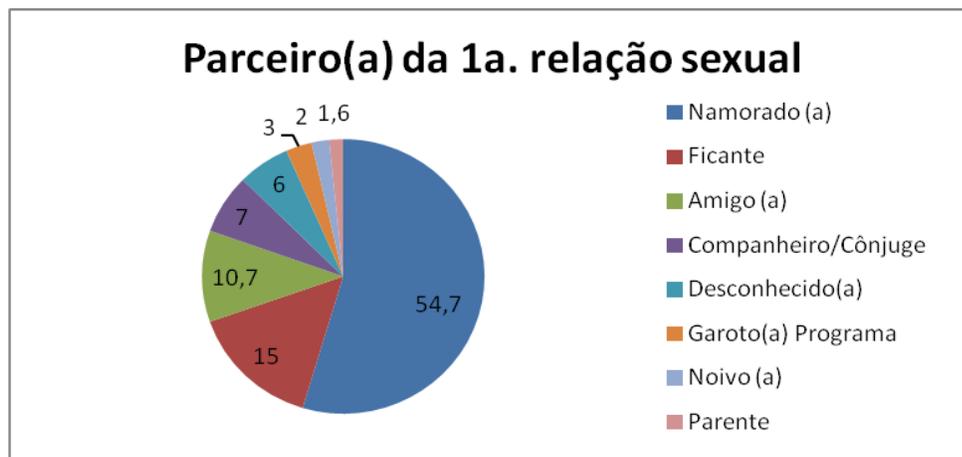
**Gráfico 12 – Relação sexual por religião e gênero em %– Survey 2013**



Fonte: Dados da pesquisa 2013.

Questionados se a primeira relação sexual foi consensual, a quase totalidade respondeu que sim: 97,3%. Sobre o parceiro dessa relação, com mais da metade das resposta (54,7%), apontou o(a) namorado(a), seguido do(a) ficante (15%) e do amigo(a), com 10,7%. (Gráfico 13).

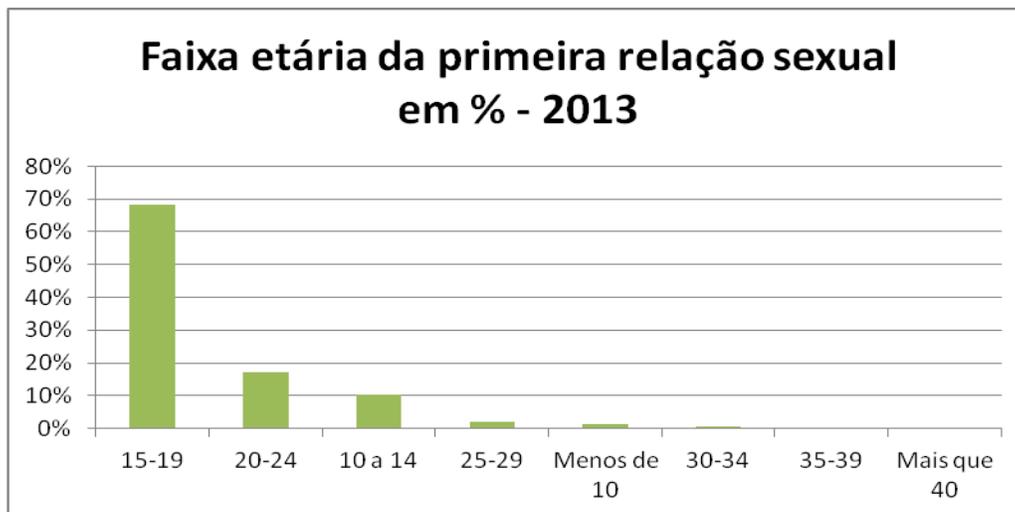
**Gráfico 13 – Parceiro(a) da Primeira relação sexual em % - Survey 2013**



Fonte: Dados da pesquisa 2013.

Sobre a faixa etária da primeira relação sexual, o Gráfico 14 mostra os seguintes resultados:

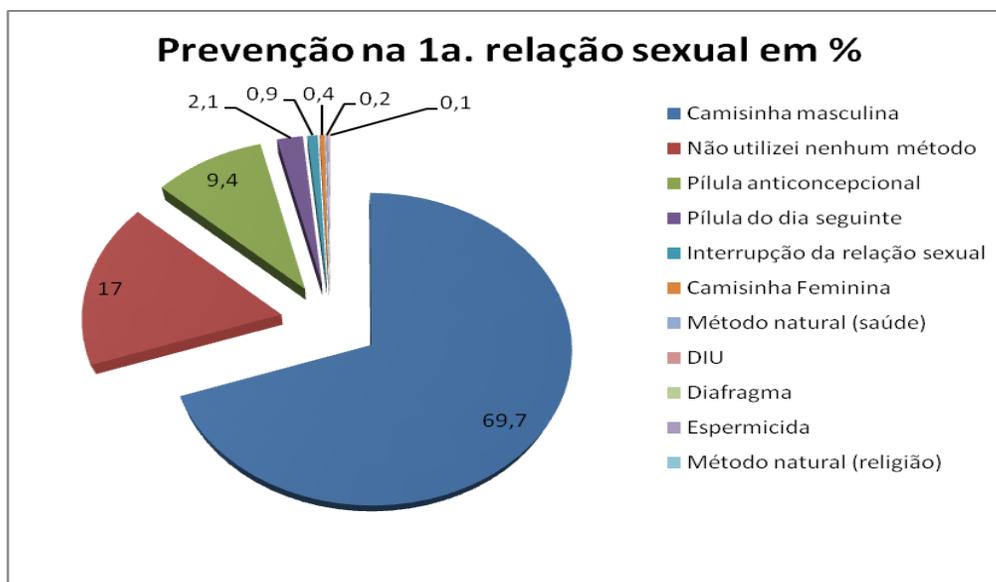
**Gráfico 14 – Faixa etária da Primeira relação sexual – Survey 2013**



Fonte: Dados da pesquisa 2013

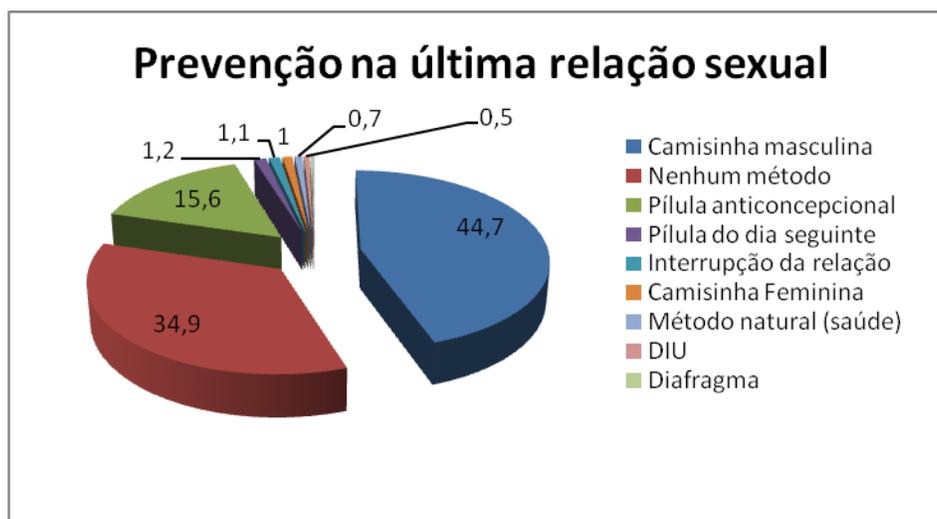
Quanto à prevenção na primeira e na última relação sexual, os dados obtidos na pesquisa de 2013 mostram o descuido com a proteção (Gráficos 15 e 16):

**Gráfico 15 – Prevenção na Primeira relação sexual – Survey 2013**



Fonte: Dados da pesquisa 2013.

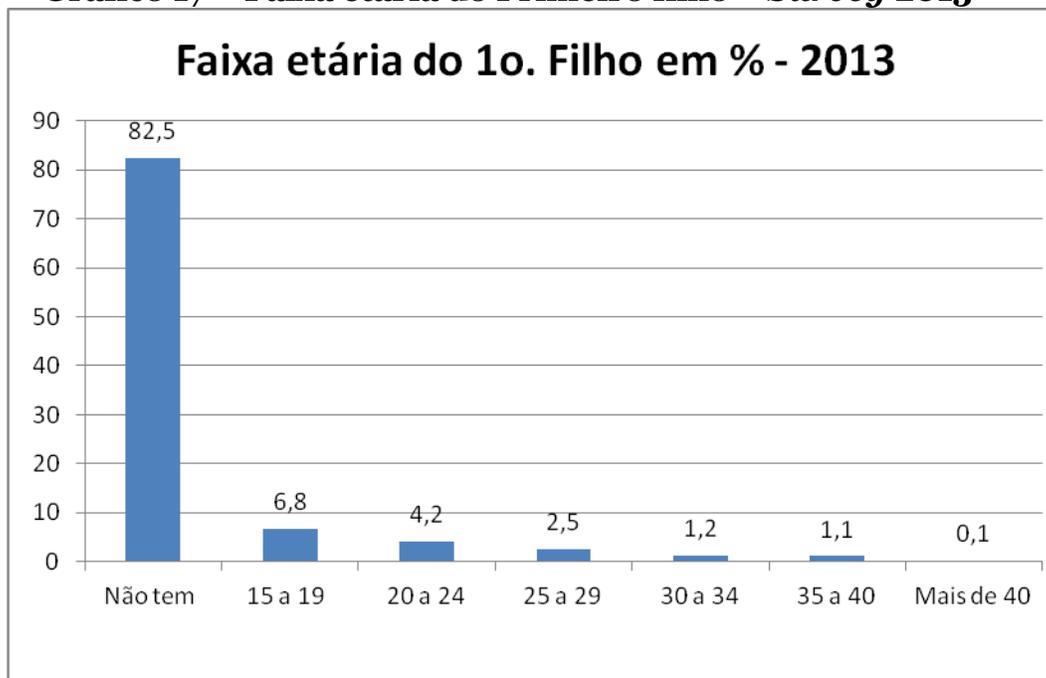
### Gráfico 16 – Prevenção na Última relação sexual – Survey 2013



Fonte: Dados da pesquisa 2013.

Pode-se ainda fazer referência à expressão da sexualidade que identificou 92,9% dos estudantes como heterossexuais e 4,4% se declarando homossexuais (70% masculinos), e ainda 2,2% bissexuais, com 50% para cada gênero.

Sobre a fecundidade, 82,5% dos(as) alunos(as) respondentes não têm filhos e 17,5% declararam tê-los, predominando 1 (um) filho (63,8%), havendo 23,3% com dois filhos e 7,4% com três filhos. Sobre a faixa etária do primeiro filho, o Gráfico 16 revela essa distribuição, mas que deverá ainda ser analisada com mais cuidado nos microdados. Há a faixa entre 15 e 19 anos com 6,8% dos estudantes em primeiro lugar, portanto, na condição jovem/adolescente dos estudantes universitários, seguida do percentual de 4,2% para a faixa etária de 20-24 anos (jovem/jovem). Como não se perguntou sobre filhos nascidos vivos de cada mulher estudante universitária, nem o ano dos nascimentos, não foi possível calcular a taxa de fecundidade. Também não foi possível para este artigo identificar a fecundidade e filhos por religião.

**Gráfico 17 – Faixa etária do Primeiro filho – Survey 2013**

Fonte: Dados da pesquisa 2013.

Quanto à intenção de ter filhos, 51,7% dos estudantes gostaria de ter dois filhos e 20,3% apontou o número de três, mas 9,4% não quer ter filhos. Sobre a idade ideal para se ter filhos 86,6% consideram a faixa etária entre 25 e 34 anos, sendo 44,9% para 25-29 anos e 41,7% para 30 a 34 anos.

Há ainda muitos dados a serem apresentados, cruzados e analisados sobre sexualidade e fecundidade. No limite deste artigo, já bem extenso, somente esses foram escolhidos.

## Conclusão

Os dados apresentados de forma panorâmica, e preliminarmente analisados através de algumas hipóteses, oferecem muitos tipos de cruzamento, especialmente com as informações sobre filiação religiosa e sexo. Dentre os 253 itens do questionário não houve a possibilidade de mostrar questões de natureza valorativa, costumes, e sobre o uso de drogas e bullying, dentre outros.

A continuidade da pesquisa ensejará muitos elementos para serem divulgados, discutidos e analisados. Pretendeu-se agora apenas oferecer esses dados comparativos sobre o Perfil do Estudante da PUC Minas, possibilitando identificar o que mudou entre 1990 e 2013. Tais dados podem contribuir para que outros pesquisadores, que atuam nessa área, possam ter elementos e enriquecer o debate e as análises.

Na continuidade da investigação, há diversas pesquisas que poderão ser aproveitadas, servindo de referência sobre a realidade da juventude e da juventude universitária como CARDOSO, 2004; ABRAMO et al., 2005; PEREZ, 2007; RIBEIRO, 2009; SOFIATI, 2010; NERI; MELO, 2011; MIRANDA-RIBEIRO, 2011, dentre outras, como algumas recentes, citadas no artigo, além de análises comparativas com os Censos IBGE e as PNADs.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena W.; MARTONI, Pedro Paulo. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

ANJOS, Gabriele dos. A questão “cor” ou “raça” nos censos nacionais. **Indic. Econ. FEE**, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 2013-118, 2013. Disponível em: <<http://revistas.fee.tche.br/index.php/indicadores/article/viewFile/2934/3163>>. Acesso em: 02 nov. 2014.

BAPTISTA (Coord.), Paulo Agostinho Nogueira. Relatório da Pesquisa "Perfil do Estudante das Instituições Católicas de Ensino Superior". **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 11, n. 31, p. 1214-1274, out. 2013b. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/5898>>. Acesso em: 24 Out. 2013.

BAPTISTA (Coord.), Paulo Agostinho Nogueira. Relatório da Pesquisa "Perfil do Estudante da PUC-MG". **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 11, n. 31, p. 1275-1314, out. 2013a. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/5904>>. Acesso em: 24 Out. 2013.

BAPTISTA, Paulo Agostinho N. (Coord.). **Perfil do estudante da PUC-MG**. Belo Horizonte: PUC-MG, 1991. 34p.

BAPTISTA, Paulo Agostinho N. (Coord.). **Perfil do estudante das instituições católicas de ensino superior**. Belo Horizonte: PUC-MG, 1992. 47p.

**BRASIL. Cursos de graduação têm 6,3 milhões de alunos em 2,3 mil instituições.** Disponível em:

<[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=17239](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=17239)>. Acesso em 28 jun. 2012.

**BRASIL. Matrículas no ensino superior crescem 3,8%.** Censo da Educação Superior. 09 set. 2014. Disponível em: <[http://portal.inep.gov.br/visualizar/-/asset\\_publisher/6AhJ/content/matriculas-no-ensino-superior-crescem-3-8](http://portal.inep.gov.br/visualizar/-/asset_publisher/6AhJ/content/matriculas-no-ensino-superior-crescem-3-8)>. Acesso em: 17 set. 2014.

CARDOSO, Alexandre. Dimensões básicas da religiosidade belo-horizontina. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 63-75, 2005.

FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmem. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 25, n. 2, p. 185-204, maio/ago. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v25n2/03.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2013.

FORDELONE, Yolanda. Salário mínimo sobe 1019% em 20 anos, mas inflação tira parte dos ganhos. O Estado de São Paulo. 26 maio 2014. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,salario-minimo-sobe-1019-em-20-anos-mas-inflacao-tira-parte-dos-ganhos-imp-,1171642>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

FOREQUE, Flávia. Brasil teve 'grande avanço' no Pisa, afirma Mercadante. **Folha**. Educação. 03 dez. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2013/12/1380024-brasil-teve-grande-avanco-no-pisa-afirma-mercadante.shtml>>. Acesso em: 12 out. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. PNAD 2013 retrata mercado de trabalho e condições de vida no país. Disponível em: <<http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=2722>>. Acesso em 26 set. 2014.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA – INEP. Censo da Educação Superior 2013. Disponível em: <[http://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/censo\\_superior/apresentacao/2014/coletiva\\_censo\\_superior\\_2013.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/apresentacao/2014/coletiva_censo_superior_2013.pdf)>. Acesso em: 15 set. 2014.

JACOB, Cesar Romero; HEES, Dora Rodrigues; WANIEZ, Philippe. **Religião e território no Brasil – 1991/2010**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2013.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC. Censo de Educação Superior 2012. Disponível em: <[http://www.andifes.org.br/wp-content/files\\_flutter/1379600228mercadante.pdf](http://www.andifes.org.br/wp-content/files_flutter/1379600228mercadante.pdf)>. Acesso em: 20 out. 2013.

MIRANDA-RIBEIRO, Paula. Para além da filiação religiosa: religião, religiosidade e o panorama religioso em Ribeirão das Neves-MG, Brasil. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 9, n. 23, p. 715-728, out./dez. 2011.

NERI, Marcelo Cortez; MELO, Luisa Carvalhaes Coutinho de. Novo Mapa das Religiões. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 9, n. 23, p. 637-673, out./dez. 2011.

NOVAES, Regina. **Escolhidos de Deus**. Pentecostais, trabalhadores e cidadania. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora Marco Zero/ISER, 1985. (Cadernos do ISER n. 19).

NOVAES, Regina. Jovens sem religião: sinais de outros tempos. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. **Religiões em movimento: o Censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 175-190.

OCDE. PISA 2012 participants. Disponível em: <<http://www.oecd.org/pisa/aboutpisa/pisa-2012-participants.htm>>. Acesso em 25 nov. 2014.

PANASIEWICZ, Roberlei. Religião e Catolicismo em Belo Horizonte: dados de pesquisa e leitura teológico-pastoral. **HORIZONTE**, Belo Horizonte, v. 10, n. 28, p. 1255-1279, dez. 2012. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2012v10n28p1255/4657>>. Acesso em: 29 nov. 2014.

PEREZ, Léa Freitas. Nos rastros da área da religião na UFMG: algumas notas e breves reminiscências. **Debates do NER**, Porto Alegre, v. 8, n. 11, p. 119-133, jan./jun. 2007.

PEW RESEARCH CENTER. Religião en América Latina. Cambio generalizado en una región historicamente católica. 13 nov. 2014. Disponível em: <<http://www.pewforum.org/2014/11/13/religion-in-latin-america/>>. Acesso em: 19 nov. 2014.

RIBEIRO, J. C. **Religiosidade jovem: pesquisa entre universitários**. São Paulo: Editora Loyola.

RODRIGUES, Denise dos Santos. Os sem religião nos censos brasileiros: sinal de uma crise do pertencimento institucional. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 10, n. 28, p. 1130-1153, dez. 2012. ISSN 2175-5841. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2012v10n28p1130>>. Acesso em: 16 nov. 2014. doi:10.5752/P.2175-5841.2012v10n28p1130.

RISTOFF, Dilvo. Vinte e um anos de Educação superior - Expansão e Democratização. **Cadernos do GEA**, Rio de Janeiro, n. 3, jan./jun. 2013.

SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE – SNJ. **Pesquisa de opinião pública**. Agenda Juventude Brasil 2013. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/participacao/images/pdfs/participacao/pesquisa%20perfil%20da%20juventude%20snj.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2014.

SOFIATI, Flávio Munhoz. **Religião e Juventude: os novos carismáticos**. São Paulo: Ideias e Letras, 2011.

UNITED NATIONS. Departement of Economic and Social Affairs. Population Division. Geração. In: **Dicionário Demográfico Multilingue**. Disponível em: <<http://pt-ii.demopaedia.org/wiki/11#116>>. Acesso em 11 nov. 2014.